



A musicalidade de Tom Jobim em formato de bolso

Disco de bolso — A volta de Tom Jobim

Se foi possível reconhecer em Astor Piazzolla o Jobim da música argentina, numa semana de tantos elogios ao extraordinário músico visitante, cumpre reservar alguns, do mesmo calibre, para o brasileiro incluído como medida na crítica comparativa — pois agora quem está na berlinda é Antônio Carlos Jobim, abrindo a série discos de bolso com um número absolutamente excepcional: Águas de Março.

Nas bancas desde ontem — a Cr\$ 8,00 o exemplar e com a proposta de aparecer quinzenalmente sempre trazendo um CS com músicas inéditas — o disco de bolso surge, afinal, e, para princípio de conversa, como uma tentativa bem mais palpável em favor da música nacional — eu acredito — que muitas das que têm sido iniciadas ultimamente: o disco se propõe, no lado B, a trazer, quinzenalmente, não só um número mas também um nome inédito (ou novo) do potencial do elenco brasileiro (desta vez é João Bosco).

A volta de Tom Jobim — é mais o que o primeiro disco sugere. E Jobim retorna não só compondo (a música e a letra) mas também como intérprete — cantor e músico. E essa volta é tão marcante, tão gratificante, e, principalmente, tão oportuna, que ela acaba por roubar, afinal, todo o espetáculo — faz sombra até ao valor da iniciativa (o disco de bolso) e, evidentemente, ao estreante (Bosco).

E será preciso insistir que a volta é oportuna — não tanto pelo compositor, pelo músico ou pelo intérprete, mas, especialmente, pelo texto de Águas de Março: é uma letra rara na bossa nova e que sugere, em princípio, uma mudança no autor, um novo Tom pós Caetano Veloso — o que não é exatamente o caso.

Quanto a esse texto, e ao que me recorde, ele é bem o texto de Tom — não exatamente aqueles mais conhecidos (e nem tantos, pois o maestro, quase sempre, se apoiou em parceiros letristas). Mas é o texto que ele sempre fez e onde o aparente nonsense tem o significado das cores/imagens que ele vê na música (nos sons). E talvez seja a primeira vez (ou eu muito me engano) que ele tem a coragem de colocar publicamente um desses textos — sempre, antes, frases como as de Águas de Março, ele as colocava ao nível de sugestões para o parceiro letrista.

Em resumo, o primeiro disco de bolso é, mais do que tudo, a volta de Tom Jobim. Uma volta que se reveste de importância a ponto — eu acredito — de se tornar indispensável acompanhá-la.

Além do mais, uma coisa é certa: não há discografia de bossa nova que possa sobreviver (ser considerada completa) sem esse disquinho.